

No breve espaço de uma conferência devo contentar-me com a apresentação de poucos exemplos de arquétipos. Escolhi os que na análise do inconsciente masculino desempenham o papel principal; também procurei esboçar rapidamente o processo psíquico da transformação em que eles se manifestam. A partir da primeira publicação desta conferência, as figuras aqui comentadas da sombra, da anima e do velho sábio, juntamente com as respectivas figuras do inconsciente feminino, foram elaboradas com maiores detalhes nas minhas contribuições ao simbolismo do si-mesmo⁵⁷, além de ter sido analisado mais profundamente o processo da individuação em sua relação com o simbolismo alquímico⁵⁸.

57. *Aion. Investigações para uma história do símbolo.*

58. *Psicologia e alquimia.*

II

O CONCEITO DE INCONSCIENTE COLETIVO

[Originalmente uma conferência pronunciada sob o título: "The Concept of the Collective Unconscious" na Sociedade Abernethiana, no Hospital S. Bartolomeu, Londres, em 19 de outubro de 1936. Publicada no *Journal* deste Hospital, XLIV (Londres, 1936/37), p. 46-49 e 64-66. Aparece aqui pela primeira vez, traduzida para o alemão.]

Certamente nenhum de meus conceitos encontrou tanta incompreensão como a idéia de inconsciente coletivo. No que se segue, procurarei dar: a) uma definição do conceito; b) uma interpretação de seu significado na psicologia; c) uma explicação do método de comprovação e d) alguns exemplos. 87

a. Definição

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos**. 88

O *conceito de arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique; que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente 89

* Esta última frase só existe na versão inglesa.

– não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência.

90 Minha tese é a seguinte: à diferença da natureza pessoal da psique consciente, existe um segundo sistema psíquico, de carácter coletivo, não-pessoal, ao lado do nosso consciente, que por sua vez é de natureza inteiramente pessoal e que – mesmo quando lhe acrescentamos como apêndice o inconsciente pessoal – consideramos a única psique passível de experiência. O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência.

b. Significado psicológico do inconsciente coletivo

91 Nossa *psicologia médica* que se desenvolveu através da prática profissional insiste na natureza *pessoal* da psique. Refiro-me principalmente às opiniões de FREUD e ADLER. Trata-se de uma *psicologia da pessoa*, e seus fatores etiológicos ou causais são considerados quase sempre como pessoais por sua natureza. No entanto, esta psicologia se baseia em certos fatores biológicos universais, por exemplo, o instinto sexual ou a exigência de auto-afirmação e de modo algum apenas em qualidades pessoais. A psicologia da pessoa é forçada a isso, uma vez que pretende ser uma ciência explicativa. Nenhuma dessas concepções nega os instintos, que são comuns aos animais e aos homens, nem a influência que exercem sobre a psicologia pessoal. Os instintos são entretanto fatores impessoais, universalmente difundidos e hereditários, de carácter mobilizador, que muitas vezes se encontram tão afastados do limiar da consciência, que a moderna psicoterapia se vê diante da tarefa de ajudar o paciente a tomar consciência dos mesmos. Além disso os instintos não são vagos e indeterminados por sua natureza, mas forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independentemente do grau de consciência. Por isso eles são analogias rigorosas dos arquétipos, tão rigorosas que há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o *modelo básico do comportamento instintivo*.

92 A hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos. Podemos admitir sem hesitação que a atividade humana é em grande escala influenciada por instintos – abstração

feita das motivações racionais da mente consciente. Quando se afirma que nossa fantasia, percepção e pensamento são do mesmo modo influenciados por elementos formais inatos e universalmente presentes, parece-me que uma inteligência normal poderá descobrir nessa idéia tanto ou tão pouco misticismo como na teoria dos instintos. Apesar de me terem acusado freqüentemente de misticismo, devo insistir mais uma vez em que o inconsciente coletivo não é uma questão especulativa nem filosófica, mas sim empírica. A pergunta seria simplesmente saber se tais formas universais existem ou não. No caso afirmativo existe uma área da psique que podemos chamar de inconsciente coletivo. O diagnóstico do inconsciente coletivo nem sempre é tarefa fácil. Não basta ressaltar a natureza arquetípica, muitas vezes óbvia, dos produtos inconscientes, pois estes também podem provir de aquisições mediante a linguagem da educação. A criptomnésia também deveria ser descartada, o que em muitos casos é praticamente impossível. Apesar de todas essas dificuldades, restam casos individuais em número suficiente, mostrando o ressurgimento autóctone de motivos mitológicos que desafiam toda dúvida racional. Se um tal inconsciente existe, a explicação psicológica deve considerá-lo e submeter certas etiologias supostamente pessoais a uma crítica mais acurada.

O que foi dito talvez possa ser esclarecido mediante um exemplo concreto. Provavelmente o leitor já leu a discussão de FREUD acerca de um determinado quadro de LEONARDO DA VINCI¹: Sant'Ana com a Virgem Maria e o menino Jesus. FREUD explica este quadro notável a partir do fato de que o próprio LEONARDO teve duas mães. Esta causalidade é pessoal. Não pretendemos alongar-nos no tocante ao fato de que este quadro não é o único no gênero, nem no tocante à discussão se Sant'Ana era a avó de Cristo, mas sublinhar que se entretence a um motivo aparentemente pessoal um motivo impessoal bem conhecido em outros campos. É o motivo das duas mães, arquétipo encontrado no campo da mitologia e da religião em múltiplas variações, constituindo a base de numerosas *représentations collectives*. Poderia mencionar, por exemplo, o motivo da dupla descendência, a descendência de pais humanos e divinos, tal como no caso de Hércules, que foi inconscientemente adotado por Hera, alcançando a imortalidade. O que na Grécia é mito, no Egito é até mesmo um ritual. Neste último caso, o Faraó é por sua natureza um ser humano e divino. Nas paredes da câmara de nascimento dos templos egípcios vê-se representada a segunda concepção e nascimento divinos do Faraó – ele “nasceu duas vezes”. Esta é uma idéia-base de todos os

1. Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci, IV.

mistérios de renascimento, inclusive do Cristianismo. O próprio Cristo nasceu duas vezes: através de seu batismo no Jordão ele renasceu pela água e pelo espírito. Conseqüentemente, na liturgia romana a pia batismal foi designada *uterus ecclesiae*; como podemos ler no *missal romano*, ainda hoje ela é assim designada na “bênção da água batismal” no Sábado de Aleluia. Seja como for, o espírito que apareceu sob a forma de pomba é representado na antiga gnose como Sofia, Sapientia, Sabedoria e Mãe de Cristo. Graças ao motivo dos pais duplos, as crianças, em lugar de fadas boas ou más que realizam uma “adoção mágica” com maldição ou bênção, recebem atualmente padrinho e madrinha – (em suíço-alemão) “Götti” e “Gotte”; (em inglês) “godfather” e “godmother”.

94 A idéia de um segundo nascimento é encontrada em todo tempo e lugar. Nos primórdios da medicina, ela aparece como um meio mágico de cura; em muitas religiões, é a experiência mística; constitui a idéia central da filosofia natural da Idade Média e, *last not least*, a fantasia infantil de muitas crianças pequenas e crescidas de que seus pais não são os verdadeiros, mas apenas pais adotivos a quem foram confiadas. BENVENUTO CELLINI, por exemplo, tinha essa idéia, tal como relata em sua autobiografia².

95 É fora de cogitação que todas as pessoas que acreditam numa dupla descendência tenham tido sempre duas mães na realidade ou, ao contrário, os poucos que compartilham o destino de LEONARDO hajam contagiado o resto da humanidade com seu complexo. Não podemos efetivamente deixar de supor que a fantasia do duplo nascimento e das duas mães seja um fenômeno universal, correspondendo a uma necessidade humana refletida nesse tema. Se LEONARDO DA VINCI retratou suas duas mães em Sant’Ana e Maria – o que duvido – ele exprimiu algo em que muitos milhões de pessoas acreditavam antes e depois dele. O símbolo do abutre, tratado por FREUD no mesmo ensaio, torna ainda mais plausível este ponto de vista. Ele cita com razão, como fonte do símbolo, a *Hieroglyphica* de HORAPOLLO³, livro muito divulgado naquela época. Lê-se aí que os abutres são exclusivamente femininos e significam simbolicamente a mãe; eles concebiam através do vento (*πνεῦμα*). Esta palavra *pneuma* recebeu o significado de “espírito”, principalmente por influência do Cristianismo. Até no relato do milagre de Pentecostes, o “pneuma” continua tendo o duplo significado de vento e espírito. Na mi-

2. [*Leben des Benvenuto Cellini*, trad. e editado por GOETHE.]

3. [I, 11, p. 32 – FREUD, *op. cit.*, II, p. 24s.]

na opinião, não há dúvida de que este fato indica Maria, virgem por sua natureza, que concebeu do Pneuma, como um abutre. Segundo HORAPOLLO, o abutre também é o símbolo de Atená, gerada diretamente da cabeça de Zeus, e que também era virgem e só conhecia a maternidade espiritual. Tudo isto é uma clara alusão a Maria e ao tema do renascimento. Mas não há prova alguma de que LEONARDO tenha pensado em algo diverso ao pintar este quadro. Se for correto supor que ele mesmo se identificava com o menino Jesus, provavelmente representava a dupla maternidade mítica e de modo algum sua própria história pessoal. E o que dizer de todos os demais artistas que representaram o mesmo tema? Será que todos eles tinham duas mães?

Transferindo o caso de LEONARDO para o campo das neuroses, suponhamos que se trate de um paciente com complexo materno, cujo delírio neurótico é resultado de ter tido de fato duas mães. A interpretação pessoal teria admitido que ele tem razão, mas esta na realidade seria totalmente errada. No fundo, a causa dessa neurose seria a reativação do arquétipo da dupla mãe, independentemente do fato de ter tido ele uma ou duas mães, pois, como vimos, esse arquétipo funciona individual e historicamente sem qualquer relação com o fenômeno raro da dupla maternidade.

Em tal caso, é tentadora a suposição de uma causa tão simples e pessoal, mas tal hipótese não só é inexata, como totalmente falsa. É de fato difícil compreender como um motivo de dupla mãe – desconhecido para um médico formado apenas em medicina – possa ter uma força tão determinante a ponto de produzir um efeito traumático. No entanto, levando em consideração as tremendas forças que jazem ocultas na esfera mítico-religiosa do homem, o significado causal dos arquétipos parece menos fantástico. De fato, há numerosas neuroses cujas perturbações resultam da falta de cooperação dessas forças motrizes na vida psíquica do paciente. Não obstante, a psicologia puramente personalista procura negar a existência dos motivos arquetípicos e até busca destruí-los pela análise pessoal, reduzindo tudo a causas pessoais. Considero isto um atrevimento perigoso. Atualmente a natureza das forças em questão pode ser melhor avaliada do que há vinte anos. Acaso não vemos como uma nação inteira ressuscita um símbolo arcaico e até formas arcaicas de religião – e como essa nova emoção transforma o indivíduo de um modo catastrófico? O homem do passado está vivo dentro de nós de um modo que antes da guerra nem poderíamos imaginar, e em última análise o destino das grandes nações não é senão a soma das mudanças psíquicas dos indivíduos?

Na medida em que uma neurose é um assunto particular e suas raízes estão fincadas exclusivamente em causas pessoais, os arquétipos não desempenham papel algum. Mas se a neurose é uma questão de incompatibilidade geral, ou causa um estado de certo modo prejudicial num número relativamente grande de indivíduos, somos obrigados a constatar a presença de arquétipos. Uma vez que na maioria dos casos as neuroses não são apenas fenômenos particulares, mas sim *sociais*, devemos admitir geralmente a presença de arquétipos: o tipo de arquétipo que corresponde à situação é reativado, e disso resultam as referidas forças motrizes ocultas nos arquétipos que, por serem explosivas, são tão perigosas e de conseqüências imprevisíveis. A pessoa sob o domínio de um arquétipo pode ser acometida de qualquer mal. Se trinta anos atrás alguém tivesse ousado predizer que o desenvolvimento psicológico tendia para uma nova perseguição dos judeus como na Idade Média, que a Europa estremeceria de novo diante do *fascio* romano e do avanço das legiões, que o povo conheceria de novo a saudação romana como há dois mil anos atrás e que, em lugar da cruz cristã, uma suástica arcaica atrairia milhões de guerreiros prontos para morrer – tal pessoa seria acusada de ser um místico louco. E hoje? Por mais consternador que possa parecer, todo este absurdo é uma realidade terrível. A vida privada, motivos e causas particulares e neuroses pessoais quase se tornaram uma ficção no mundo hodierno. O homem do passado, que vivia num mundo de *représentations collectives* arcaicas, ressurgiu para uma vida visível e dolorosamente real, e isto não só em alguns indivíduos desequilibrados mas em muitos milhões de seres humanos.

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas sem conteúdo*, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, uma neurose.

c. O método de comprovação

Voltemo-nos agora para a questão do modo pelo qual pode ser provada a existência dos arquétipos. Visto que estes produzem certas formas

anímicas, temos que explicar onde e como podemos apreender o material que torna tais formas visíveis. A fonte principal está nos sonhos, que têm a vantagem de serem produtos espontâneos da psique inconsciente, independentemente da vontade, sendo, por conseguinte, produtos da natureza, puros e não influenciados por qualquer intenção consciente. Quando interrogamos o indivíduo podemos averiguar quais os motivos de seus sonhos que lhe são conhecidos. Entre os que lhe são desconhecidos, devemos excluir naturalmente todos os que ele *poderia* conhecer, como por exemplo – para voltarmos ao caso de LEONARDO – o símbolo do abutre. Não temos certeza se LEONARDO foi buscar esse símbolo em HORAPOLLO, mesmo que isso fosse plausível, tratando-se de uma pessoa culta de seu tempo, pois os artistas destacavam-se por um conhecimento humanístico notável. Por isso – apesar de o motivo do pássaro ser um arquétipo *par excellence* – o seu aparecimento na fantasia de LEONARDO nada provaria; eis por que devemos procurar motivos que simplesmente não poderiam ser do conhecimento do sonhador e mesmo assim eles se comportam em seu sonho funcionalmente, de forma a coincidir com a dinâmica dos arquétipos, tal como a conhecemos pelas fontes históricas.

Outra fonte de acesso ao material necessário é a *imaginação ativa*. 101 Entende-se por esta última uma seqüência de fantasias que é gerada pela concentração intencional. Minha experiência ensinou-me que a intensidade e a freqüência dos sonhos são reforçadas pela presença de fantasias inconscientes e inapreensíveis e que quando estas emergem na consciência o caráter dos sonhos se transforma tornando-os mais fracos e menos freqüentes. Cheguei à conclusão a partir disto que o sonho muitas vezes contém fantasias tendentes a se tornarem conscientes. As fontes oníricas são muitas vezes instintos reprimidos, cuja tendência natural é influenciar a mente consciente. Em casos desse tipo entregamos ao paciente a tarefa de contemplar cada fragmento de sua fantasia que lhe parece importante dentro do seu contexto, isto é, examinando-o à luz do material associativo em que está contido, até poder compreendê-lo. Não se trata da livre associação como a que FREUD recomendava para a análise dos sonhos, mas da elaboração da fantasia através da observação de outro material da mesma, tal como este é naturalmente agregado ao fragmento acima referido.

Não é oportuno aprofundar aqui explicações técnicas sobre o método. Bastaria dizer que a seqüência de fantasias que vêm à tona alivia o inconsciente e representa um material rico de formas arquetípicas. Evidentemente, este método só pode ser aplicado a determinados casos cuida-

dosamente selecionados. Ele não é isento de perigo, uma vez que pode afastar demais o paciente da realidade. Convém, em todo caso, advertir contra a sua aplicação indiscriminada.

103 Finalmente como fonte interessante de material arquetípico, dispomos dos delírios dos doentes mentais, das fantasias em estado de transe e dos sonhos da primeira infância (dos 3 aos 5 anos de idade). Podemos obter uma enorme quantidade desse material, mas ele de nada valerá se não conseguirmos encontrar paralelos históricos convincentes. É claro que não basta ligar um sonho acerca de uma serpente à presença mítica da mesma; pois quem garante que o significado racional da serpente no sonho é o mesmo do encontrado em seu contexto mitológico? Para traçarmos paralelos válidos é necessário conhecer o significado funcional de um símbolo individual. Depois descobriremos se o símbolo mitológico dado como paralelo pertence à mesma circunstância e se tem o mesmo significado funcional. Estabelecer tais fatos não é apenas uma questão de pesquisa laboriosa, mas também um objeto ingrato de demonstração. Como os símbolos não podem ser arrancados de seu contexto, devemos apresentar descrições exaustivas, tanto da vida pessoal como do contexto simbólico. Isto é praticamente impossível dentro dos limites de uma única conferência. Tentei fazê-lo várias vezes, correndo o risco de adormecer a metade do auditório.

d. Um exemplo

104 Escolho novamente o exemplo de um caso clínico que, apesar de já publicado, se presta como ilustração por ser breve. Além disso, posso acrescentar algumas observações, as quais haviam sido omitidas na publicação anterior⁴.

105 Por volta do ano 1906 deparei com a curiosa fantasia de um indivíduo internado há muitos anos. O paciente sofria de uma esquizofrenia incurável desde sua juventude. Frequentara a escola pública e trabalhara como empregado de escritório. Ele não era especialmente bem-dotado e nessa época eu mesmo não tinha conhecimento algum de mitologia ou arqueologia; a situação portanto não era suspeita. Certo dia encontrei-o junto à janela, movendo a cabeça de um lado para outro, piscando para o Sol. Pediu-me que fizesse o mesmo, prometendo que eu veria algo muito

4. *Símbolos da transformação* [parágr. 149s e 223 e *Estrutura da alma*, parágr. 317].

importante. Ao perguntar-lhe o que estava vendo, ele espantou-se porque eu nada via, e disse: “O senhor está vendo o pênis do Sol – quando movo a cabeça de um lado para outro ele também se move e esta é a origem do vento”. Naturalmente nada compreendi desta estranha idéia, mas anotei-a. Cerca de quatro anos depois, ao estudar mitologia, descobri um livro de ALBRECHT DIETERICH, o conhecido filólogo que esclareceu tal fantasia. Esta obra, publicada em 1910, trata de um papiro grego da Bibliothèque Nationale de Paris. DIETERICH acreditou ter descoberto numa parte do texto uma liturgia mitraica. O texto é sem dúvida uma prescrição religiosa para a realização de certas invocações nas quais Mitra é chamado. Ele provém da escola do misticismo alexandrino e coincide no tocante ao seu sentido com o *Corpus Hermeticum*. Lemos as seguintes instruções no texto de DIETERICH:

“Procura nos raios a respiração, inspira três vezes tão fortemente quanto puderes e sentir-te-ás erguido e caminhando para o alto, de forma que acreditarás estar no meio de região aérea... O caminho dos deuses visíveis aparecerá através do Sol, o Deus, meu pai; do mesmo modo, tornar-se-á visível também o assim chamado tubo, a origem do vento propiciatório. Pois verás pendente do disco solar algo semelhante a um tubo. E rumo às regiões do oeste, um contínuo vento leste; se o outro vento prevalecer em direção ao leste, verás, de modo semelhante, a face movendo-se nas direções do vento”⁵.

Obviamente, a intenção do autor é propiciar ao leitor a possibilidade de vivenciar a visão que teve, ou em que pelo menos acredita. O leitor deve ser introduzido na experiência íntima do autor ou – o que é mais provável – numa daquelas comunidades místicas outrora existentes, das quais FILO JUDEU dá testemunho por ter vivido na mesma época. Pois o Deus do fogo e do Sol aqui invocado é uma figura, cujos paralelos históricos podem ser comprovados, por exemplo, em conexão com a figura do Cristo do *Apocalipse*. Trata-se, por conseguinte, de uma *representati-on collective*, tal como o são também os atos rituais descritos – imitação dos ruídos emitidos pelos animais. Essa visão repousa num contexto religioso de natureza distintamente extática e descreve um tipo de iniciação à experiência mística da divindade.

Nosso paciente era dez anos mais velho do que eu. Era megalomaniaco, ou seja, Deus e Cristo a um só tempo. Sua atitude para comigo era

5. *Eine Mithrasliturgie* p. 6/7. [Como JUNG soube depois, a edição de 1910 era uma segunda edição. O livro foi publicado em 1903. O paciente fora hospitalizado portanto alguns anos antes.]

simpática – gostava de mim por ser a única pessoa a ouvir suas idéias abstrusas com interesse. Seus delírios eram de natureza predominantemente religiosa. Ao convidar-me para piscar em direção ao Sol e a balançar a cabeça de um lado para o outro, como ele, sua intenção era obviamente que eu participasse de sua visão. Ele desempenhava o papel do sábio místico, e eu era seu discípulo. Ele era até mesmo o próprio deus Sol, na medida em que criava o vento com o menear de sua cabeça. A transformação ritual na divindade é testemunhada por APULEIO, nos mistérios de Ísis, sob a forma de uma apoteose solar. O sentido do vento prestador de serviço é provavelmente idêntico ao do espírito gerador (pneuma é vento), que flui do deus Sol para dentro da alma, fecundando-a. A associação de sol e vento ocorre com frequência no simbolismo da Antigüidade.

108 É necessário provar agora que nesses dois casos particulares não se trata apenas de coincidência meramente casual. Devemos mostrar portanto que a idéia de um tubo de vento em conexão com Deus, ou com o Sol, tem uma existência coletiva, independentemente desses dois testemunhos. Ou, em outras palavras, ela ocorre sem relação com tempo e lugar. Algumas pinturas medievais representam a Anunciação como um dispositivo tubular ligando o trono de Deus ao ventre de Maria e podemos ver uma pomba ou o menino Jesus descendo por ele. A pomba significa o fecundador, o vento do Espírito Santo.

109 É fora de cogitação que o paciente tenha tido algum conhecimento de um papiro publicado quatro anos depois, sendo extremamente improvável que sua visão tivesse algo a ver com uma figura medieval da Anunciação, admitindo a hipótese quase impensável de ter ele visto uma representação dessa pintura. O paciente foi declarado doente mental aos vinte anos de idade. Nunca viajara. Em sua cidade natal, Zurique, não há qualquer galeria de arte pública que expusesse um tal quadro.

110 Não menciono este caso para provar a visão de um arquétipo, mas para mostrar-lhes meu método de investigação do modo mais simples possível. Se tivéssemos apenas casos desse tipo, nossos levantamentos e dados seriam relativamente fáceis, mas apresentar material comprobatório é na realidade mais complexo. Antes de mais nada, certos símbolos devem ser isolados com clareza, afim de poderem ser reconhecidos como fenômenos típicos e não só como meras coincidências. Isto pode ser realizado através de exames de uma série de sonhos, digamos, de algumas centenas, focalizando figuras típicas, assim como através da observação de seu desenvolvimento dentro da série. Com esse método é possível constatar certas continuidades e desvios em relação a uma mes-

ma figura. Podemos escolher qualquer figura que dê a impressão de ser um arquétipo por seu comportamento no sonho ou nos sonhos. Quando o material à nossa disposição for bem observado e revelar a riqueza de seu conteúdo, poderemos descobrir fatos interessantes acerca da modificação sofrida pelo tipo. Não só o próprio tipo mas também suas variações podem ser documentados com material mitológico comparativo. Descrevi esse método de investigação num trabalho publicado em 1935⁶ em que também apresentei o material casuístico necessário.

6. [Fundamentos da psicoterapia prática, cf. Psicologia e alquimia, segunda parte.]